



Dinâmicas de Formação Artística em Contexto de Ensino Superior, como Espaços Abertos à Prática Profissional nas Artes Visuais

Dynamics of Artistic Training in the Context of Higher Education, as Open Spaces for Professional Practice in the Visual Arts

Teresa Matos Pereira

Escola Superior de Educação de Lisboa
tpereira@eselx.ipl.pt

Kátia Sá

Escola Superior de Educação de Lisboa
ksa@eselx.ipl.pt

RESUMO

O texto apresenta os processos de trabalho desenvolvidos no âmbito da Unidade Curricular de Projeto em Artes, Tecnologias e Multimédia com estudantes da licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias, da Escola Superior de Educação do Politécnico de Lisboa. Estes processos assumem-se como introdução a dinâmicas de criação artística mais amplas que poderão vislumbrar uma dimensão profissional, no campo artístico e/ou cultural. Neste sentido, foram lançadas propostas de trabalho, subordinadas a temas da contemporaneidade, atendendo às práticas vigentes no campo das artes visuais e pressupondo a criação de um espaço de abertura ao desenvolvimento de poéticas individuais.

O artigo incide sobre os processos criativos levados a cabo, considerando aspetos relativos ao ensino-aprendizagem, à pesquisa baseada na prática em artes visuais, resultados finais bem como as ligações entre a formação artística, em contexto de ensino superior politécnico, as possibilidades e contingências de um ulterior desenvolvimento profissional.

Palavras-chave: Artes Visuais; Investigação em Arte Baseada na Prática; Processos Criativos

ABSTRACT

The text presents the work processes developed in the scope of the Curricular Unit of Project in Arts, Technologies and Multimedia with undergraduate students in Visual Arts and Technologies at the Lisbon School of Education. These processes are assumed as an introduction to broader artistic creation dynamics that may envision a professional dimension in the artistic and/or cultural field. In this sense, work proposals were launched, subordinated to contemporary themes, taking into account current practices in the field of visual arts and presupposing the creation of an opening space for the development of individual poetics. The article focuses on the creative processes carried out, considering aspects related to teaching-learning, practice-based research in visual arts, results as well as the links between artistic training in the context of polytechnic higher education, the possibilities and contingencies of further professional development.

Keywords: Visual Arts; Arts Practice-Based Research; Creative Processes

Introdução

Este texto propõe um olhar acerca dos processos de trabalho e dos resultados obtidos por estudantes de licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias, ao longo do ano letivo 2020-2021, considerando as contingências advindas da situação pandêmica para uma formação de natureza essencialmente prática, mas sem que se tenha abandonado, como eixo estruturante do ensino-aprendizagem, as possibilidades de realizar diferentes formas de pesquisa em arte através da prática. Neste sentido, serão sistematizados alguns dos pressupostos chave que nortearam os processos de trabalho desenvolvidos, tendo como cenário de fundo as discussões vigentes acerca de metodologias de pesquisa e investigação baseadas na prática, cruzando-as com os objetivos definidos para a Unidade Curricular. Num segundo momento será abordada a metodologia de trabalho levada a cabo, procurando explicitar algumas das estratégias utilizadas no desenvolvimento de uma modalidade de ensino mista – presencial e ensino à distância. Finalmente, serão apresentados alguns resultados que procuram evidenciar a diversidade de abordagens desenvolvidas pelos estudantes e a abertura que estas apresentam em termos de uma construção e comunicação de conhecimento, de perspectivas acerca das problemáticas em questão, assim como das ligações entre as esferas individual e coletiva.

A Prática enquanto Pesquisa

A problematização do conhecimento inerente à prática artística em artes visuais tem assumido, ao longo das últimas décadas, um protagonismo crescente, ainda que por vezes tenha colidido com a legitimação e os protocolos da investigação académica (Nelson, 2013). A investigação pela prática ou a prática como investigação (Sullivan, 2009) constituíram-se focos de interesse que cruzam as áreas da educação, da investigação em arte e da prática artística. Esta modalidade de abordagem à pesquisa em arte convoca uma redefinição dos papéis atribuídos não só ao estudante de artes, mas igualmente ao professor. Por conseguinte, os processos criativo e educativo integram uma dimensão reflexiva e discursiva em si próprios, ao mesmo tempo que observam realidades mais alargadas do conhecimento, da sociedade e da cultura. Segundo Skains, a construção de conhecimento através da prática artística tem permitido, simultaneamente, um olhar intrínseco e autorreferencial acerca dos processos e não apenas dirigido aos resultados ou aos objetos (Skains, 2018). Ao mesmo tempo, estende-se a outros domínios quer do conhecimento, quer também das vivências, das identidades, entre outros. Neste sentido, o processo criativo constitui-se enquanto espaço de compreensão da própria arte em si, considerando não só as suas dimensões técnicas, estética, mas também uma “profissionalidade” que lhe é inerente e que se pode relacionar direta ou indiretamente com outras práticas culturais, educativas ou sociais.

A prática artística, enquanto processo investigativo, privilegia a ação como imperativo de ordem

metodológica e conceptual, na qual o artista recolhe e analisa informação, explora possibilidades de abordagem, ensaia e transpõe um conjunto amplo de métodos criativos, capazes de atravessar transversalmente diferentes contextos. Neste âmbito, o foco que é colocado na dimensão sistémica do processo criativo-investigativo possibilita manter uma abertura face às problemáticas abordadas e aos sucessivos *insights* que decorrem de um processo relacional no qual a intuição e a dimensão emocional também integram a construção de conhecimento. Ao mesmo tempo, esta ação-em-aberto não se confina à singularidade do conhecimento artístico em si próprio e à sua autorreferencialidade. Como afirma Skains:

When we as practitioners pursue our art as research, we not only offer insights into art and the practice of art as it occurs, but can throw new and unexpected light onto a range of topics including cognition, discourse, psychology, history, culture, and sociology. (Skains, 2018: 84)

Na verdade, quer o processo criativo quer o objeto de arte ou ação/intervenção artística assumem-se como base e ponto de partida para a construção de conhecimento, o que envolve não só as dimensões tecnológica, conceptual ou estética, mas igualmente a dimensão relacional, a comunicação, a discussão e reflexão acerca da sua receção. Isto significa que o ato artístico concentra em si inúmeras possibilidades de interpelação quanto ao significado e contexto de criação, sendo que a sua compreensão cabal apenas é conseguida através de uma exegese crítica (Skains, 2018), ainda que, paradoxalmente, convoque a um pensamento em aberto no qual o conhecimento é construído *a partir, através e no* ato artístico (Borgdorff, 2011).

Considerando as vantagens de introduzir processos de pesquisa em arte através da prática no âmbito de um curso de licenciatura, mas também observando os seus limites, têm vindo a ser lançadas propostas de trabalho aos estudantes que visam desenvolver processos de investigação no âmbito das artes plásticas e multimédia. Estas propostas pressupõem os diálogos possíveis entre diferentes áreas das artes visuais – pintura, escultura, fotografia, vídeo e multimédia – bem como o aprofundamento e a problematização de processos, conceitos e temas da atualidade – nos campos das artes, da sociedade, da cultura ou da tecnologia. Neste sentido, têm sido desenvolvidos um conjunto de projetos no âmbito das artes visuais que permitem, do ponto de vista técnico-formal, aprofundar a integração de linguagens, saberes e modalidades compositivas inerentes à pintura, escultura, performance e multimédia e do ponto de vista conceptual, alargar o conhecimento ou integrar diferentes perspetivas acerca de problemáticas que se estendem à experiência individual e coletiva da vivência em sociedade.

Apesar destes se assumirem maioritariamente enquanto processos de pesquisa individual, não foi secundarizada uma dimensão profissionalizante que integra o desenvolvimento de competências de ordem técnica e formal, mas também comunicacional, capazes de sustentar a integração dos estudantes em equipas de trabalho em contextos diversificados – de natureza cultural, educativa, associativa, institucional, empresarial... Neste sentido, além das dimensões estética e/ou poética, as propostas de trabalho integram igualmente aspetos de natureza prática relacionados com a comunicação do conhecimento adquirido,

a integração no espaço, a curadoria ou a possibilidade de convocar processos colaborativos e participativos envolvendo a comunidade.

Metodologia de Trabalho

A prática de trabalho que aqui se apresenta refere-se ao 3º ano da licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias do Politécnico de Lisboa, que decorreu no contexto da Unidade Curricular (UC) Projeto em Artes Visuais e Tecnologias I e II – primeiro e segundo semestres, respetivamente. Assente na metodologia de projeto, prática já de anos anteriores, no ano letivo de 2020-2021 recorreremos a uma modalidade mista – presencial e *online* – mediante os constrangimentos referentes ao contexto pandémico da COVID19, que implicou a utilização, tanto de recursos físicos, como digitais. Considerando as práticas vigentes no campo das artes visuais, o Projeto em Artes Visuais e Tecnologias constitui-se como espaço de abertura capaz de proporcionar o desenvolvimento de poéticas individuais, e integrar processos de pesquisa baseados na prática artística, aflorados no início deste texto. Neste sentido, propôs-se a seleção e desenvolvimento de uma temática/problemática – a partir de uma bolsa de temas avançada pelo corpo docente – que haveria de ser investigada pela prática artística livre, tanto em formatos como em procedimentos técnico-plásticos. Caso não houvesse interesse nos temas propostos, os estudantes poderiam optar pela escolha de um tema livre. Os temas lançados, no primeiro semestre, foram: Corpo e Fronteira; Mitos e Arquétipos; Tempo e Lugar; Rizomas e, no segundo semestre: Redes Globais;

Trânsito/Diáspora; Identidades Coletivas e Género; Capitalismo e Narcisismo.

Deste modo, foi dada oportunidade, a cada estudante, para desenvolver projetos com um significado estético próprio ao mesmo tempo que se incutiu um sentido e um propósito mais amplo aos processos e respostas apresentadas. Ou seja, ainda que a bolsa de temas lançada incidisse sobre “grandes narrativas” da atualidade, o facto é que se permitiu e incentivou uma posição crítica e individual, na qual se cruzam as vivências, interesses e experiências pessoais. Cada sujeito pôde direcionar a sua investigação num sentido poético – orientada para a metáfora e sentido lato quando da construção de uma proposta, ou num sentido mais concreto, promovendo a utilização de conteúdos literais e da sua relação direta com o tema escolhido.

A proposta individual de investigação artística baseada na prática propunha uma total liberdade de escolha de meios, materiais, processos e técnicas plásticas, contemplando a transdisciplinaridade que esta UC propõe entre Arte Multimédia, Escultura e Pintura.

Cada estudante deveria assim comprometer-se com a forma e intenção para o seu projeto. A orientação sistemática dos docentes da UC promoveu debate e reflexão sobre intencionalidade e soluções estéticas e plásticas, visando abordagens adequadas, pertinentes, criativas e originais, considerando o vigente território da criação artística contemporânea.

As referências visuais, literárias, filosóficas e/ou outras, relacionadas com as propostas, ficaram a cargo dos docentes, no contacto com cada estudante. Não obstante, disponibilizou-se

aos estudantes um banco extenso e plural de referências artísticas, científicas, literárias, entre outras, que ajudassem a desbloquear/promover pensamento crítico, sobre as temáticas propostas. Estas referências foram selecionadas pelos diferentes docentes envolvidos na UC e disponibilizadas através da plataforma Moodle da escola, às quais todos os estudantes tiveram acesso.

Etapa I – Pesquisa e Estudos

A primeira etapa de trabalho foi dedicada à exploração do tema, investigação de referências visuais, filosóficas, literárias e poéticas. Pretendeu-se que cada estudante chegasse à definição de um conceito, sendo comum o recurso a técnicas de criatividade *brainstorming* e *mind maps* e/ou *moodboards* (fig. 1).

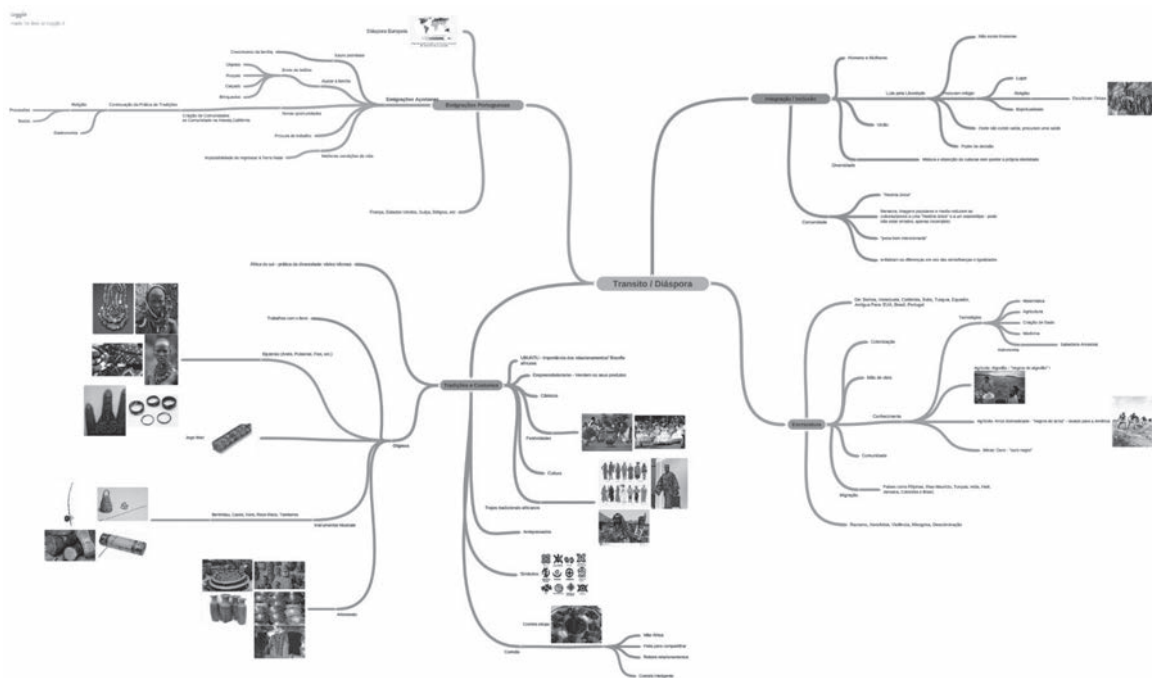


Figura 1 – Vera Almeida, 2021, mind map sobre o tema Trânsito e Diáspora.

Comumente começamos pelo debate alargado ao grande grupo, no sentido de fomentar a discussão coletiva sobre os temas, ajudando a desenvolver pensamento crítico partilhado entre estudantes e professores. Posteriormente, cada estudante investigou o tema escolhido, aprofundando o conhecimento/posicionamento sobre o

mesmo, depurando o caminho a seguir para o desenvolvimento do projeto.

Nesse momento, recorreu-se ainda à realização de estudos através de maquetas ou outros processos exploratórios – esquemas, esboços, desenhos, fotografia, vídeo, textos, etc. (fig. 2).

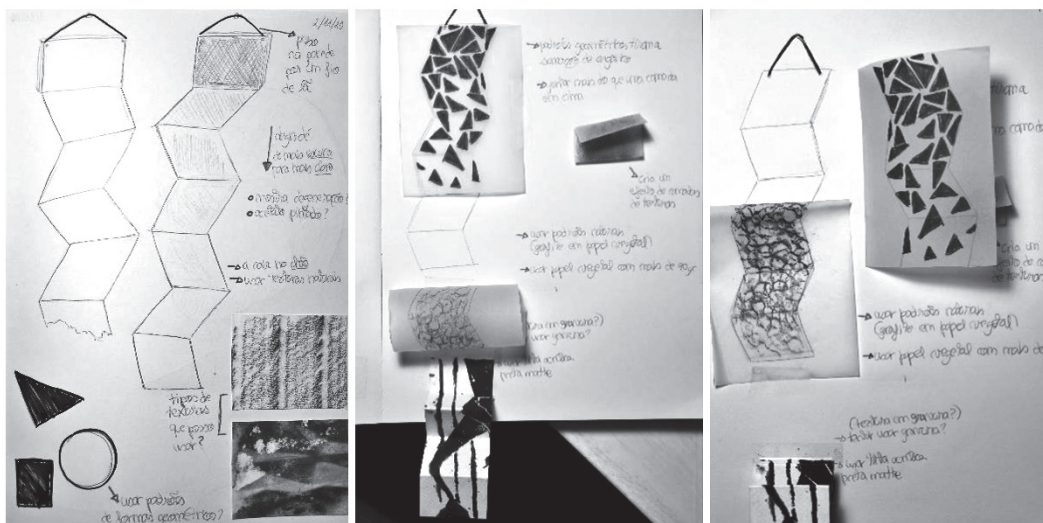


Figura 2 – Alice Almeida, 2021, pesquisa e estudos.

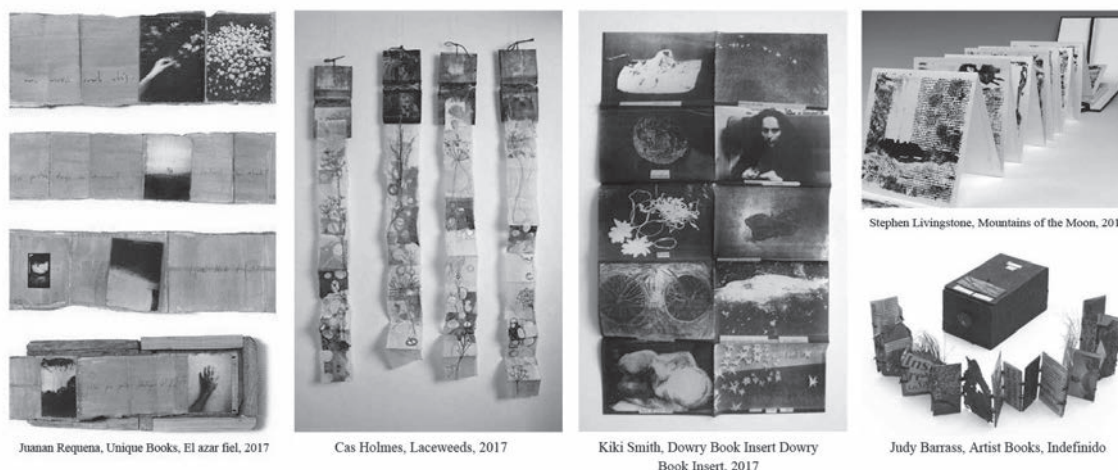


Figura 3 – Vera Almeida, 2021, referências/inspirações visuais para o projeto.

Foi também nesta etapa, que se iniciou o desenvolvimento de uma memória descritiva/reflexiva que, numa fase intermédia, conteve uma breve descrição da proposta, registos dos estudos concretizados e apresentação das referências visuais de inspiração/fundamentação do trabalho (fig. 3). Na fase conclusiva, foram acrescentados o quadro teórico, o registo dos resultados obtidos

e uma reflexão crítica sobre o desenvolvimento do trabalho.

Etapa II – Concretização

A segunda etapa de trabalho é, por excelência, a fase de realização do objeto plástico/multimédia, na qual os estudantes podem articular

processos dos territórios contemporâneos da pintura, escultura, desenho, gravura, cerâmica, fotografia e vídeo, arte têxtil, entre outros meios. Cada projeto requer um acompanhamento específico e distinto, tanto em processos técnicos, como em definições estéticas, pelo que, todas as aulas desta etapa foram de discussão individual das propostas – estética e técnica – contemplando avanços e recuos até à fase de finalização das propostas. Procura-se sempre manter um espaço de abertura que possa prever o erro como fator de reflexão ou mesmo de descoberta sendo que muito do que é desenvolvido tem um carácter investigativo, experimental, depurado ao longo de todo o processo criativo.

Os projetos revelaram-se muito diversos, enveredando igualmente por processos, linguagens e formas plurais de criar e apresentar trabalho artístico, designadamente: pintura, desenho ou ilustração; escultura, videoescultura e/ou fotoescultura; vídeo e/ou vídeo-instalação; fotografia e/ou representação digital; instalação; performance ou vídeoperformance...

Etapa III – Apresentação/ Ensaio Visual e Crítico/ Avaliação

A etapa final requer a instalação e/ou apresentação do projeto. Neste momento, é suposta a entrega de um ensaio visual e crítico sobre o trabalho desenvolvido que deverá conter: sinopse, reflexão crítica sobre a proposta e problemática levantadas, toda a documentação visual do processo e objeto/projeto final. É importante referir que o desenvolvimento dos processos decorreu

até à última sessão de trabalho, em contexto de sala de aula, permitindo aos estudantes depurar as suas propostas e que, ainda assim, após entrega e discussão dos resultados, houve uma pequena margem de tempo para a melhoria de algum aspeto que se considerasse importante para a obtenção de melhores resultados. Considera-se, portanto, vital a apreciação e debate dos aspetos mais bem conseguidos, bem como dos que ficam aquém das expectativas dos estudantes/docentes, sendo desejável a melhoria, sempre que possível, e em comum acordo. Deste modo, o processo de avaliação apresenta uma dimensão participada na qual, tanto os autores dos trabalhos apresentados como os restantes colegas, desenvolvem formas de análise e apreciação crítica, relativamente a processos e resultados. Além de uma autoavaliação e avaliação entre pares, o momento de apresentação final permite igualmente fazer um balanço conjunto entre docentes e estudantes das metodologias de lecionação e acompanhamento desenvolvidas.

Processos e Resultados

Apresentaremos um conjunto de processos de trabalho que consideramos representativo da qualidade e pluralidade de resultados obtidos. Ainda que de forma necessariamente breve, descreveremos os processos das estudantes Ailéma Monteiro, Alice Almeida, Leonor Nunes, Beatriz Ferreira e Mónica Lameiras, Joana Toledo e Vera Almeida. Importa referir que recorreremos à documentação entregue pelas estudantes mencionadas, tanto na fase intermédia como na final de concretização de projeto. Assim, todas as ci-

tações que veremos, ao longo deste texto, pertencem às estudantes, retiradas das suas memórias reflexivas sobre os processos de trabalho. Do mesmo modo, todas as imagens são da sua autoria, tendo estas sido devidamente informadas e consentido a sua apropriação neste âmbito.

Mitos e Arquétipos

ME-DU-SA é o título de uma videoperformance da autoria de Ailéma Monteiro que, assentando no tema “Mitos e Arquétipos”, problematiza e inverte a narrativa fundadora do mito clássico de Medusa. Inicialmente uma bela jovem de cabelos dourados, Medusa foi vítima de violação por Poseidon e da ira de Atena; transformada num monstro cujo olhar petrifica aqueles que a confrontam, foi, finalmente, decapitada por Perseu. A pesquisa artística e conceptual levada a cabo possibilitou, à estudante, a definição de momentos chave do enredo mitológico e seleção de um conjunto de elementos simbólicos e iconográficos que permitiram tecer uma narrativa visual que instala a dúvida acerca dos papéis atribuídos ao herói e à vilã. O cabelo loiro, o vestido branco, a água que escorre ao longo do chão, a pele que em alguns momentos é insinuada, o anel e o brinco em forma de serpente e a casca de tangerina, simbolizam por isso os diferentes momentos do mito. A narrativa, cujo fio condutor é dado pelo elemento aquático, é atravessada por uma tensão latente. A água que escorre e deixa o chão molhado, metáfora da violação de Medusa pelo deus dos mares, não introduz apenas uma dimensão discursiva ao vídeo, mas assume-se igualmente enquanto matéria plástica que reflete a imagem

difusa de uma figura feminina, de uma janela ou na qual ficam gravadas pegadas. O rasto de água é intercalado com vislumbres de um rosto feminino, ora modelado pelos contrastes abruptos de luz e sombra, ora desmaterializado numa contraluz que faz sobressair os cabelos louros de Medusa. Sobre este rasto surgem cascas de laranja numa metáfora à mudança de pele (fig. 4) e, por conseguinte, ao processo de transformação da donzela num monstro ctónico, condenado a viver na escuridão de uma caverna até ser decapitada por Perseu. Transpondo o mito clássico para um ambiente doméstico – pontuado por jogos de luz e sombra, reflexos e detalhes do rosto e corpo – Ailéma Monteiro procura questionar e redefinir uma visão dos arquétipos que se perpetuam no tempo cultural e que direta ou indiretamente toldam o julgamento acerca do Bem e do Mal, transformando uma vítima em vilã e um assassino em herói.

Rizomas

Os conceitos de desconexão, separação e desaparecimento físico que informam o livro de artista (fig. 5) criado por Alice Almeida, emergiram da temática relacionada com a noção de Rizoma. O arquivo fotográfico de família constitui-se como matéria poética para um mapeamento das presenças e das ausências físicas – estas últimas assinaladas por uma linha vermelha, desenhando o motivo geométrico que se sobrepõe à imagem fotográfica. As figuras não são, contudo, simbolicamente “apagadas” por este padrão geométrico. Ao invés, a linha e o bordado são utilizados enquanto metáforas do ato de religar e unir, de



Figura 4 – Ailéma Monteiro, 2021, detalhes da videoperformance ME-DU-SA.



Figura 5 – Alice Almeida, 2021, livro de artista.



Figura 6 – Leonor Nunes, 2021. Fotografias da série fotográfica.



Figura 7 – Leonor Nunes, 2021. Montagem a partir de série fotográfica.

manter vivos os laços que unem as figuras presentes nas fotografias de família, não obstante a sua ausência física.

A linha bordada, que no verso das páginas, desenha um contorno das figuras do quadro familiar, fixa e entrelaça a memória de uma presença física, que, na verdade, será sempre efêmera no tempo. Esta dicotomia entre presença e ausência é, finalmente, sublinhada pelo formato em fole, adotado para compor o livro que, induzindo a uma leitura sequencial, interpõe sempre um diálogo entre frente e verso, entre a imagem e o seu vestígio, pontuado a vermelho pela linha têxtil... *Pois Breve é toda a vida...*

Corpo e Fronteira

Sobre o tema Corpo e Fronteira, Leonor Nunes explora a palavra/conceito do “desconforto” e, de acordo com a mesma, “da vontade de o provocar no espectador”. O conceito surgiu, entre outros, no *mind map* desenvolvido no início do trabalho de investigação sobre o tema. Problematizando estados emocionais e conectando-os ao desconforto físico – do nosso corpo – tais como, ansiedade, comichão, irritação, entre outros, Leonor Nunes investiga plasticamente uma série de objetos inusitados, construídos com materiais abrasivos e ou agressivos no contacto com a pele/corpo. Com estes “objetos escultóricos: roupa e bijuteria que quando utilizadas causassem dor ou desconforto” a estudante investigou com recurso à escolha de materiais com uma dimensão sensorial e simbólica, noções de fronteira do/para o corpo. “Palha de aço, lixa, arame, rede metálica, pregos e parafusos” são os materiais de exce-

lência destes interfaces/adereços, enfatizados numa série fotográfica, sobre a poética da sua utilização/impacto no corpo. Do ponto de vista performático, estes objetos não são só matéria; transformam-se em veículos de dor, desconforto, inquietação, cujas marcas são inquestionavelmente visíveis (figs. 6 e 7).

Estes objetos foram ainda dispostos numa instalação composta por caixas de luz, em cartão, com diferentes tamanhos, construídas de modo a ajustarem-se à escala de cada objeto, emoldurando-o e destacando forma e silhueta, em contraluz. Em cada uma destas propostas de roupa/adeereço, é sublinhada a sua dimensão icónica, conferindo autonomia conceptual e estética a estes objetos (fig. 8).

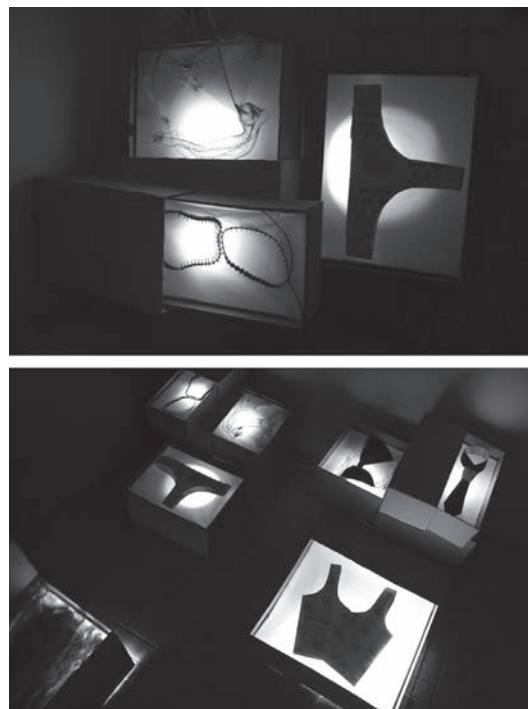


Figura 8 – Leonor Nunes, 2021, instalação final.



Figura 9 – Beatriz Ferreira e Mónica Lameiras, 2021, quadro/diagnóstico.

Capitalismo e Narcisismo

Beatriz Ferreira e Mónica Lameiras, para a temática Capitalismo e Narcisismo, elegeram as palavras-chave – loucura, apego, “eu” e ganância – que serviram de indutores ao seu projeto comum. A partir de uma metodologia participativa, inquiriram alguns dos seus seguidores nas redes sociais – enquanto plataformas simbólicas da vigente sociedade de consumo – solicitando aos participantes sugestões de “objetos, palavras, cores, etc., que remetessem para os conceitos”. Este diagnóstico/levantamento de dados resultou num quadro de conceitos (fig. 9), que contribuiu para a criação de imagética do subsequente trabalho que faz referência literal e/ou poética aos bens materiais e sobre “o quanto somos absorvidos por objetos do quotidiano que utilizamos e adquirimos por impulso e que acabam por ser em demasia, fúteis ou até inúteis”.

Num paralelismo entre sexualidade e capitalismo – luxúria e narcisismo – Beatriz Ferreira e

Mónica Lameiras elegem o preservativo enquanto símbolo do descartável/contentor de objetos, mais ou menos óbvios, associados ao seu processo de investigação sobre o tema (fig. 10). O painel final resulta de uma série de fotografias realizadas sobre mesa de luz, que faz uma alusão a imagens radiográficas, de alto contraste – estética emblemática da vigente imagética aparelhada pela técnica, das imagens computadorizadas.

Neste projeto, as estudantes questionam o livre-arbitrio da sexualidade, numa sociedade de consumo que consideram castradora, mobilizando metáforas visuais sobre os afetos desvirtuados. A proposta final refere-se a um painel fotográfico, de rua, cujo acesso e interpretação públicos coincidem com a visão reivindicativa ao direito democrático que esta dupla manteve como estratégia de pensamento crítico, em todo o desenvolvimento do seu projeto (fig. 11).

Redes Globais

Joana Toledo, sobre a temática redes globais, investigou o cérebro, observando-o enquanto “rede de conhecimento celular, intrigante e incontável e complexa”. O processo de investigação teórica cruzou fontes de natureza plural, das quais se destacam: i) “o especialista em infografia Manuel Lima” e teorias sobre a evolução do conhecimento e a sua representação em metáforas visuais – “árvore de Porfírio, conhecida como a árvore mais antiga do conhecimento. Esta árvore tornou-se uma metáfora visual, possivelmente a mais poderosa uma vez que encarna o desejo humano de ordem, de equilíbrio, de unidade e de simetria”; ii) o neurologista e professor Oliver Sacks, cuja leitura do livro *Um antropólogo em Marte* alertou para “a importância das células cerebrais, nomeadamente, a perda de células mediante os diversos acontecimentos/contratempos que a vida nos propõe”. Esta pesquisa teórica, entre outras, orientou a simultânea investigação prática que procurou explorar noções de aleatoriedade, evolução, rizoma, fragmento e célula (fig. 12).

Joana Toledo recorreu a técnicas de pintura *Split Color* – óleo de silicone e maçarico – de modo a conseguir criar configurações abstratas que mimetizam células e rizomas. O processo culminou num painel formado por um conjunto de várias telas com diferentes tamanhos – também ele um conjunto de fragmentos que pode ser lido como estrutura celular, pictoricamente complexa, enredada, multicamada. Com recurso a imagens TAC – tomografia axial computadorizada – do cérebro humano – impressas em papel vegetal e/ou fragmentos de textos, intencionalmente

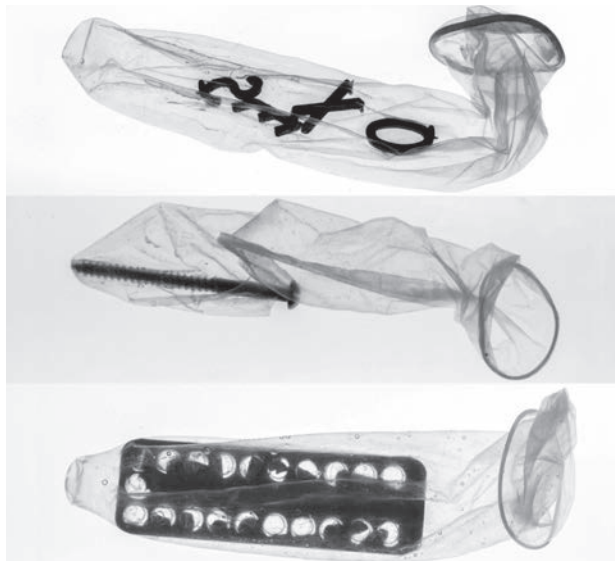


Figura 10 – Beatriz Ferreira e Mónica Lameiras, 2021, fotografias para o painel final.



Figura 11 – Beatriz Ferreira e Mónica Lameiras, 2021, mockup para instalação do painel final.



Figura 12 – Joana Toledo, 2021, *mind map*

desfocados ou rasurados, Joana Toledo integrou as pesquisas desenvolvidas ao longo do processo como forma de aprofundar o tema (figs. 13 e 14).

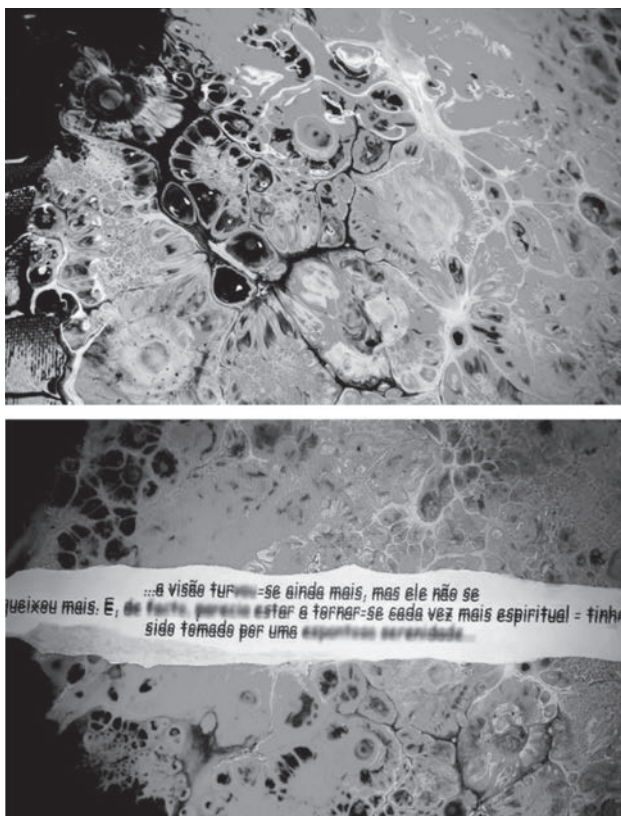


Figura 13 – Joana Toledo, 2021, detalhes do painel final.

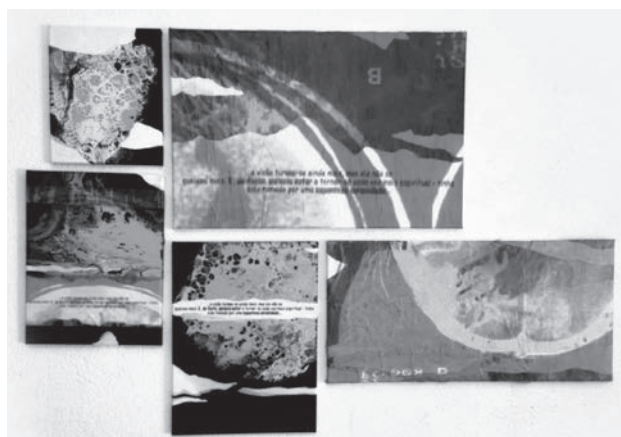


Figura 14 – *Uncontrollable*, Joana Toledo, 2021.

Joana Toledo intitulou esta peça pictórica de *Uncontrollable* que, segundo a mesma, “de alguma forma, interpreta o universo cerebral, através das células existentes e das acentuações de contrastes, podendo existir um contratempo a qualquer instante.”

Trânsito e Diáspora

Vera Almeida, sobre o tema Trânsito e Diáspora, elege o subtema Emigração Açoriana que, de acordo com a mesma, é “um dos aspetos estruturais da história do povo das ilhas atlânticas e da sociedade portuguesa em geral, pois trata-se de um fenómeno secular que remonta à época da expansão ultramarina” tornando-se “uma das linhas de força da consciência comum de maior enlace sobre a nossa evolução, social económica e cultural.” A partir daqui, recorrendo a processos digitais de ilustração, Vera Almeida analisa a experiência autorreferencial, a separação da família e amigos e o sentimento de saudade (figs. 15 e 16).



Figura 15 – Vera Almeida, ilustração digital, 2021.



Figura 16 – Vera Almeida, ilustração digital, 2021.

Em pleno confinamento provocado pelo contexto pandémico e, forçosamente, apartada do seu território de origem – Açores – a estudante trabalhou sobre presença/ausência, a partir de ilustrações sobre fotografias do seu apartamento temporário em Lisboa. O momento das refeições, “que por norma é quando a família se reúne para desfrutar tanto da comida como da companhia”, assume-se como espaço de tempo, enquadrando “figuras humanas esbranquiçadas e transparentes, que significam a presença dos meus familiares e pessoas amigas”. Vera Almeida diz-nos que “o contorno das figuras é desenhado com linha azul clara fina e o seu interior pintado de branco translúcido (...) pelo facto de não estarem mesmo presentes e ser apenas uma alucinação.” O resultado é um olhar nostálgico, pessoal e íntimo, sobre a vivência do espaço da casa.

Nota Final

A abordagem metodológica, cujos resultados aqui se apresentaram, promove o fortalecimento

dos processos investigativos baseados na prática, em artes visuais, sublinhando as dinâmicas de exploração e experimentação livres como momentos de indagação, capazes de integrar a voz própria de cada estudante no ato de pensar a realidade através de uma perspectiva artística. Deste modo, motiva-se e valida-se a capacidade de reflexão crítica acerca de problemáticas atuais, transversais a diferentes áreas do conhecimento, que se materializa na produção de textos e objetos artísticos. Este processo ajuda ao posicionamento estético e artístico, na tomada de decisões relativas à escolha de meios, materiais, processos e técnicas plásticas de abordagem, contemplando a vertente transdisciplinar entre arte multimédia, pintura e escultura e, esbatendo barreiras e/ou concepções datadas acerca de cada um destes territórios, no âmbito da criação artística contemporânea. Finalmente, viabiliza uma perspectiva generalista acerca das possibilidades de desenvolvimento de uma prática profissional, de futuro, no âmbito das artes visuais e tecnologias, movendo estes estudantes à

curiosidade e versatilidade de pensamento, que os ajudam, de facto, na sua actuação em diferentes contextos e/ou desafios profissionais.

Referências bibliográficas

- Borgdorff, H. (2011). "The Production of Knowledge in Artistic Research" em Biggs, M. & Karlsson H. (Ed.). *The Routledge Companion to Research in The Arts*. London and New York: Routledge.
- Nelson, R. (2013). *Practice as Research in the Arts*. New York: Palgrave/Macmillan.
- Skains, R. L. (2018). "Creative Practice as Research: Discourse on Methodology" em *The Journal of Media Practice and Education*, 19, pp. 82-97, <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14682753.2017.1362175> (consultado em 10-9-2020).
- Sullivan, G. (2009). *Art Practice as Research*. Thousand Oaks: SAGE.

